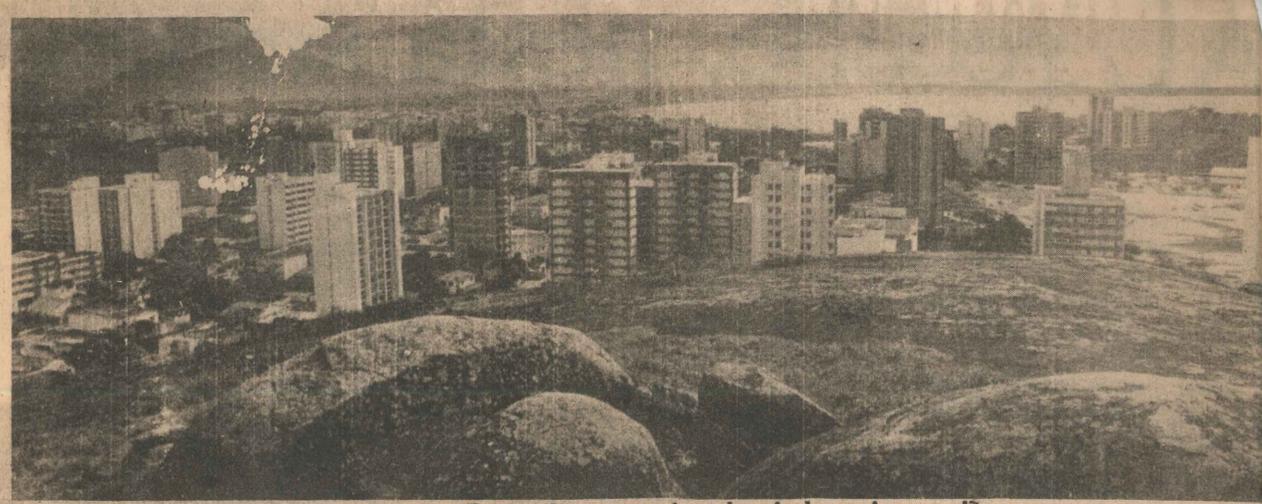




A tranquilidade na Saturnino de Brito desapareceu com o crescimento do bairro.



A cada dia um novo prédio aparece na Praia, descaracterizando ainda mais a região.

Ocupação desordenada descaracteriza a P.do Canto

AJ19768

Texto de Cláudia Feliz
Fotos de J. A. Magnago
e Antônio Moreira

A falta de um ordenamento urbano em Vitória já pode ser percebido de forma bastante acentuada na Praia do Canto, que vem sofrendo um processo rápido de descaracterização, com suas casas antigas cedendo espaço a enormes edifícios e estabelecimentos comerciais. Os moradores se queixam da ocupação desordenada e sua preocupação com o ato não deixa de ter importância. Afinal, encontram-se registrados e aprovados na Prefeitura de Vitória 60 projetos de edificações para aquela região, todos eles de obras ainda não iniciadas.

O Plano Diretor Urbano de Vitória (PDU), o único instrumento capaz de conter o crescimento desordenado do município — e ainda não aprovado —, é apontado como a "salvação" para a região. Enquanto ele não for regulamentado, a Praia do Canto e os demais bairros de Vitória continuarão a sofrer com o surgimento indiscriminado de prédios muito altos e de estabelecimentos comerciais instalados em áreas eminentemente residenciais.

SEM INFRA-ESTRUTURA

A Praia do Canto, bairro considerado dos mais sofisticados em Vitória, vem sendo palco da ação flagrante de um crescimento desordenado. O PDU, que poderia conter esse tipo de coisa, é o grande temor das construtoras e incorporadoras, e é por isso que o diretor de Planejamento da Prefeitura de Vitória, Armando Rabello, afirma: "Os projetos estão entrando e sendo aprovados antes que o PDU impeça o agravamento da situação".

A queixa maior dos moradores da Praia do Canto refere-se ao fato do bairro estar recebendo



Carlito olha a destruição com tristeza

do Canto em relação aos terrenos ali existentes — João Bandeira, de 69 anos de idade, todos eles vividos na rua Aleixo Netto, 1004, também cita alguns dos problemas trazidos pelos enormes edifícios que invadiram o bairro nos últimos anos.

"Há muitos anos isso aqui era tudo mato, areia, caju, pitanga e gabioba", diz ele, um pedreiro aposentado e pai de cinco filhos. João Bandeira, que reside numa casa bastante simples, construída por ele mesmo em 1930, também concorda que a Praia do Canto "está se modificando muito rapidamente". Já recebeu várias propostas para vender seu terreno, de 320 metros quadrados — no bairro o metro quadrado chega a custar mais de Cr\$ 30 mil — por firmas que querem construir no local mais um espigão, mas afirma que não tem interesse em deixar o bairro.

"Eu acho que para nós foi bom o crescimento. Lembro-me que, quando eu era mais jovem, boa mesmo era só a cidade da Serra. Temos comércio, ruas calçadas, mas sinto que os edi-

do de uma chácara, na rua Saturnino de Brito, já vem sendo ameaçada pelas janelas de um prédio à sua frente. "Nasci aqui há 53 anos e asseguro que somente o PDU poderá salvar o bairro", diz ele.

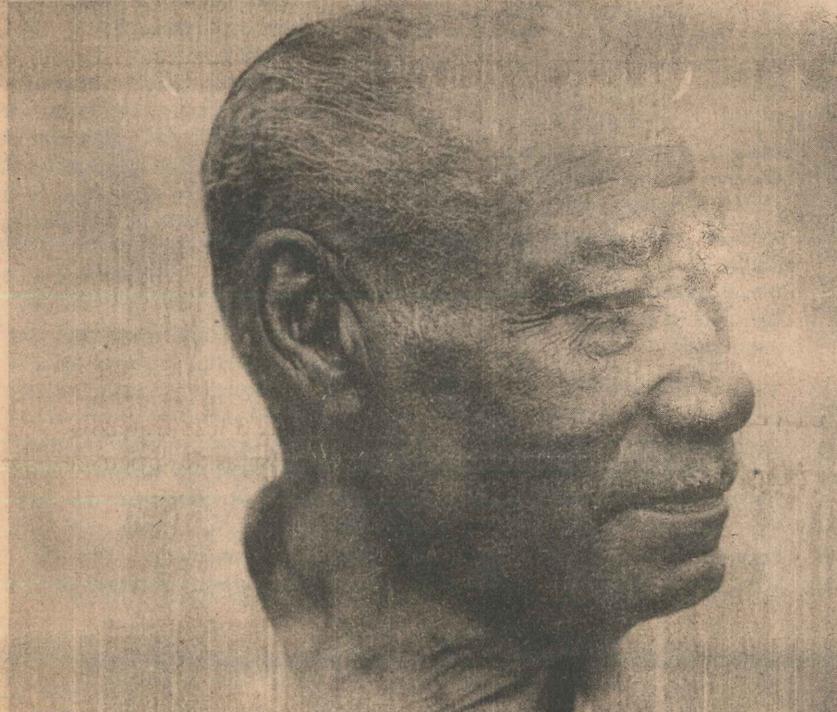
ATERRO

Para Guilherme Carlos Ayres, também morador na Praia do Canto, há 52 anos, a primeira "tragédia" que ocorreu na região foi o aterro da Comdusa que, na sua opinião, formou um verdadeiro dique, não permitindo o escoamento das águas pluviais da rua Saturnino de Britto. "Os pontos residenciais estão sendo comercializados dia após dia, cedendo espaço ao comércio, que invadiu indiscriminadamente nosso bairro", diz ele.

Guilherme Ayres afirma que atualmente a praia do Aterro está bastante poluída, pelo fato de receber os esgotos dos prédios, lançados no mar através da rede pluvial. "É o pior é que essas edificações têm alvarás da prefeitura e demais órgãos. A Praia do Canto não é mais a mesma e a culpa disso tudo é a inexistência de um planejamento".



Ayres: a primeira tragédia foi o aterro



Ruas largas e projeto de 1896

A Praia do Canto faz parte de um projeto de urbanização do engenheiro Saturnino de Brito, que envolveu toda a região compreendida entre o atual bairro de Bento Ferreira e o canal de Camburi. O projeto, datado de 1896, foi elaborado a pedido do então governador Muniz Freire, e, até hoje, é considerado revolucionário para a época, devido por exemplo, à largura das ruas e avenidas, capazes de atender, satisfatoriamente, ao fluxo atual de veículos.

De 1896 a 1924, nada foi feito na região. Só a partir daí é que, já no governo de Florentino Avidos, foram iniciadas as obras de arruamento e distribuição de lotes no local, tornando o bairro residencial. As ruas da Praia do Canto — e algumas ainda preservam o fato — possuíam todas elas nomes de municípios capixabas, tais como Alegre, Itapemirim, Afonso Cláudio e Leonha.

POSITIVISMO

Há quem afirme que, por ter sido Saturnino de Brito positivista, todas as ruas, avenidas e lotes foram projetados com comprimento e metragem múltiplos de 7. No projeto, grande parte da avenida Nossa Senhora da Penha foi reservada como área de recreação. Foram Seabra Muniz e Adelphi Poli Monjardim os prefeitos responsáveis pela arborização da Praia do Canto.

Armando Rabello, prefeito de Vitória, entre 1953 e 1954, foi o responsável pela instalação da rede de drenagem pluvial do bairro. Hoje, ele afirma que vê "com pesar" o que vem acontecendo na

vem sofrendo um processo rápido de descaracterização, com suas casas antigas cedendo espaço a enormes edifícios e estabelecimentos comerciais. Os moradores se queixam da ocupação desordenada e sua preocupação com o ato não deixa de ter importância. Afinal, encontram-se registrados e aprovados na Prefeitura de Vitória 60 projetos de edificações para aquela região, todos eles de obras ainda não iniciadas.

O Plano Diretor Urbano de Vitória (PDU), o único instrumento capaz de conter o crescimento desordenado do município — e ainda não aprovado —, é apontado como a "salvação" para a região. Enquanto ele não for regulamentado, a Praia do Canto e os demais bairros de Vitória continuarão a sofrer com o surgimento indiscriminado de prédios muito altos e de estabelecimentos comerciais instalados em áreas eminentemente residenciais.

SEM INFRA-ESTRUTURA

A Praia do Canto, bairro considerado dos mais sofisticados em Vitória, vem sendo palco da ação flagrante de um crescimento desordenado. O PDU, que poderia conter esse tipo de coisa, é o grande temor das construtoras e incorporadoras, e é por isso que o diretor de Planejamento da Prefeitura de Vitória, Armando Rabello, afirma: "Os projetos estão entrando e sendo aprovados antes que o PDU impeça o agravamento da situação".

A queixa maior dos moradores da Praia do Canto refere-se ao fato do bairro estar recebendo um grande contingente populacional sem infra-estrutura necessária para suportar tal fato. "Nosso bairro não possui rede de esgoto e os edifícios lançam na rede pluvial os dejetos. Resultado: há muito mosquito e mau cheiro na Praia do Canto", afirma Antônio Rogério Cola Lello, há 35 anos residindo no local.

Ele assegura que o fato do comércio estar se deslocando para a região, antes eminentemente residencial, está relacionado à implantação dos grandes projetos industriais no Estado. E critica a construção dos prédios muito altos e a falta de opção de lazer para as crianças no bairro. "As ruas registram um movimento muito intenso", diz ele, e o limite de gabarito para construção dos edifícios a especulação imobiliária e os interesses econômicos se incumbiram de acabar".

RARIDADE

Um outro morador — um caso típico de resistência às propostas irrecusáveis que se verificam frequentemente na Praia



Carlito olha a destruição com tristeza

do Canto em relação aos terrenos ali existentes — João Bandeira, de 69 anos de idade, todos eles vividos na rua Aleixo Netto, 1004, também cita alguns dos problemas trazidos pelos enormes edifícios que invadiram o bairro nos últimos anos.

"Há muitos anos isso aqui era tudo mato, areia, caju, pitanga e gabioba", diz ele, um pedreiro aposentado e pai de cinco filhos. João Bandeira, que reside numa casa bastante simples, construída por ele mesmo em 1930, também concorda que a Praia do Canto "está se modificando muito rapidamente". Já recebeu várias propostas para vender seu terreno, de 320 metros quadrados — no bairro o metro quadrado chega a custar mais de Cr\$ 30 mil — por firmas que querem construir no local mais um espigão, mas afirma que não tem interesse em deixar o bairro.

"Eu acho que para nós foi bom o crescimento. Lembro-me que, quando eu era mais jovem, boa mesmo era só a cidade da Serra. Temos comércio, ruas calçadas, mas sinto que os edifícios impedem a circulação do vento. A Praia do Canto está ficando cada vez mais abafada e a liberdade da gente vai acabando".

O médico Deomar Bittencourt, que desde 1951 reside no bairro, também critica a ocupação desordenada. "A tranquilidade de antes não existe mais e olha que a Praia do Canto era um bairro muito calmo. Sinto muito pelos meus netos e não acho que a ocupação do bairro pelo comércio e edifícios seja ruim. Só que é necessário planejar, senão sairemos muito prejudicados", diz ele, argumentando que o comércio instalado no bairro ajudou a população. "Apenas os preços na Praia são mais caros que no centro de Vitória. Acho que é poque acham que no bairro só residem ricos".

O candidato pelo PDS ao governo do Estado e ex-prefeito de Vitória, Carlito von Schilgen, é outro morador que afirma estar "acompanhando a destruição da Praia do Canto com muita tristeza". Sua casa, construída no alto

de uma chácara, na rua Saturnino de Brito, já vem sendo ameaçada pelas janelas de um prédio à sua frente. "Nasci aqui há 53 anos e asseguro que somente o PDU poderá salvar o bairro", diz ele.

ATERRO

Para Guilherme Carlos Ayres, também morador na Praia do Canto, há 52 anos, a primeira "tragédia" que ocorreu na região foi o aterro da Comdusa que, na sua opinião, formou um verdadeiro dique, não permitindo o escoamento das águas pluviais da rua Saturnino de Brito. "Os pontos residenciais estão sendo comercializados dia após dia, cedendo espaço ao comércio, que invadiu indiscriminadamente nosso bairro", diz ele.

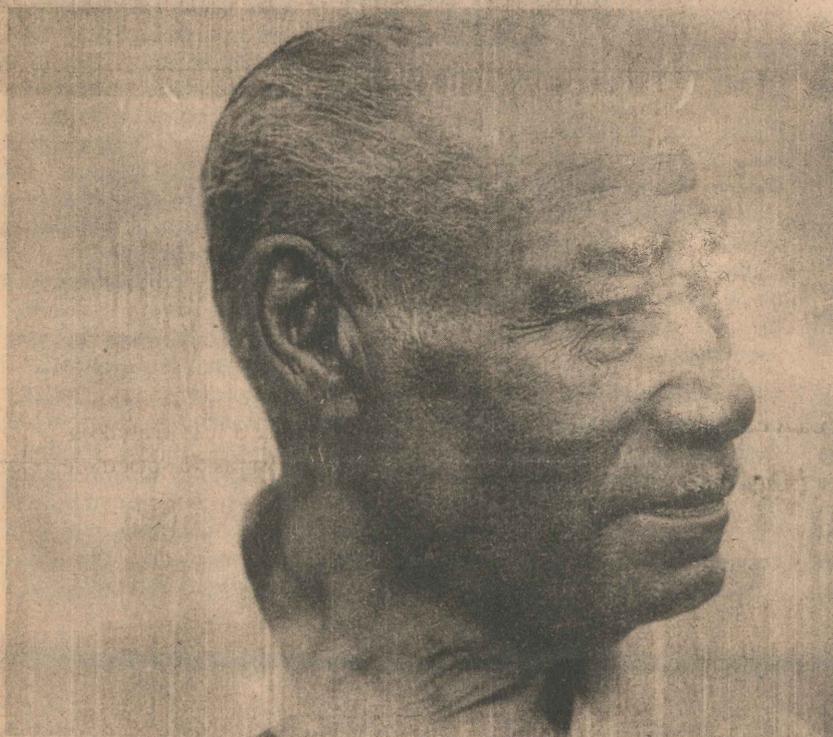
Guilherme Ayres afirma que atualmente a praia do Aterro está bastante poluída, pelo fato de receber os esgotos dos prédios, lançados no mar através da rede pluvial. "E o pior é que essas edificações têm alvarás da prefeitura e demais órgãos. A Praia do Canto não é mais a mesma e a culpa disso tudo é a inexistência de um planejamento".

Ele afirma que há 10 anos, juntamente com Nicanor Paiva, Lizandro Nicoletti e João Linhares, participou da primeira e única reunião que daria origem a uma espécie de associação de moradores da Praia do Canto. "A coisa não foi à frente e hoje as perspectivas são de que o bairro, na proporção em que os prédios — altíssimos e que já dificultam a ventilação — surgem, transforme-se num local nada agradável para se residir".

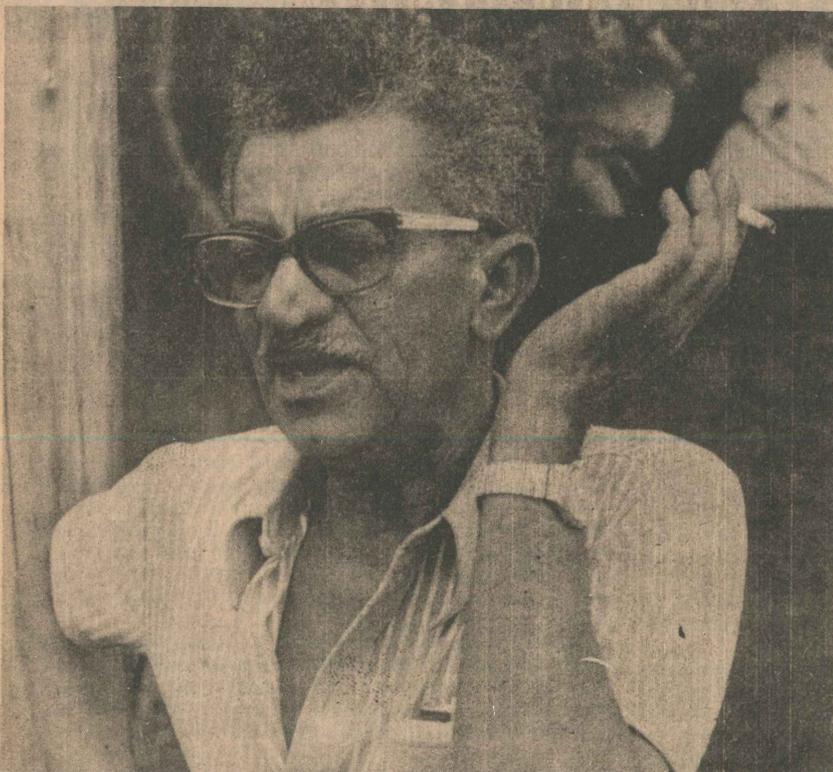
Mas há quem esteja satisfeito com a transformação. O corretor de imóveis Manoel Salatiel Batista, por exemplo, é um deles. Proprietário de uma área de 400 metros quadrados no local, ele assegura que a explosão comercial só trouxe melhoras para o bairro. Maria Telma dos Santos Madeira, residente no local há 40 anos, também está satisfeita com a descaracterização. "Casas antigas enfeiam muito e a Praia do Canto, devido à construção dos prédios, está se transformando numa bela cidade", afirma ela.



Ayres: a primeira tragédia foi o aterro



Bandeira: "não vendo a casa".



Salatiel Batista está satisfeito

de um projeto de urbanização do engenheiro Saturnino de Brito, que envolveu toda a região compreendida entre o atual bairro de Bento Ferreira e o canal de Camburi. O projeto, datado de 1896, foi elaborado a pedido do então governador Muniz Freire, e, até hoje, é considerado revolucionário para a época, devido por exemplo, à largura das ruas e avenidas, capazes de atender, satisfatoriamente, ao fluxo atual de veículos.

De 1896 a 1924, nada foi feito na região. Só a partir daí é que, já no governo de Florentino Avidos, foram iniciadas as obras de arruamento e distribuição de lotes no local, tornando o bairro residencial. As ruas da Praia do Canto — e algumas ainda preservam o fato — possuíam todas elas nomes de municípios capixabas, tais como Alegre, Itapemirim, Afonso Cláudio e Iconha.

POSITIVISMO

Há quem afirme que, por ter sido Saturnino de Brito positivista, todas as ruas, avenidas e lotes foram projetados com comprimento e metragem múltiplos de 7. No projeto, grande parte da avenida Nossa Senhora da Penha foi reservada como área de recreação. Foram Seabra Muniz e Adelpho Poli Monjardim os prefeitos responsáveis pela arborização da Praia do Canto.

Armando Rabelo, prefeito de Vitória, entre 1953 e 1954, foi o responsável pela instalação da rede de drenagem pluvial do bairro. Hoje, ele afirma que vê "com pesar" o que vem acontecendo na região. E foi na sua administração que Vitória recebeu o código que rege as construções no município — Lei 1.351 —, totalmente modificado pela Câmara desde então.

O código previa originariamente, para a Praia do Canto um limite de quatro pavimentos para os prédios residenciais. Podiam possuir cinco os dotados de pilotis no primeiro piso. Para o centro de Vitória, hoje completamente tomado por prédios bastante altos, o limite era de seis pavimentos. "A administração é dinâmica e a lei atual não permite um melhor ordenamento. A solução é o PDU. Afinal, quem é esclarecido vê que o crescimento desordenado é o maior crime da administração pública", assegura ele.

Saudosista, Antônio Rogério Lello também lembra de suas caminhadas na verdadeira floresta existente onde hoje está implantado o Barro Vermelho — área nobre da Praia do Canto, também tomada por enormes edifícios.